



O método de produção do jornalismo literário em análise: relato de uma experiência¹

Angela Maria FARAH²
Centro Universitário de União da Vitória - UNIUV

RESUMO

O Jornalismo Literário utiliza técnicas de áreas distintas de conhecimento para realizar a reportagem, em seus diversos formatos, que constituem o seu método. Este artigo consiste no relato de experiência da produção de reportagem, na modalidade Histórias de Vida, como Trabalho de Conclusão de Curso da autora, para a especialização em Jornalismo Literário. Nesta análise, serão avaliadas todas as etapas de produção, desde o estudo exploratório do tema, o levantamento de dados, a redação, a edição e revisão final do material. O objetivo é abordar os procedimentos e as técnicas adotados para a produção do trabalho nos moldes do Jornalismo Literário, enfatizando o uso dos sete pilares do Jornalismo Literário e da estrutura narrativa mítica, a Jornada do Herói, analisando-os a partir dos estudos de Edvaldo Pereira Lima e de Monica Martinez.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação; Jornalismo; Jornalismo Literário; Histórias de Vida; Jornada do Herói.

1 INTRODUÇÃO

*“Nós não somos apenas contadores de histórias, nós somos xamãs. Os xamãs têm capacidade para compreender o mundo concreto e também para compreender o mundo sutil, subjetivo.”
(Edvaldo Pereira Lima, no módulo Escrita Total, entre 18 e 19 de março de 2011)*

Para além do jornalismo convencional, o Jornalismo Literário ou JL busca contar uma história de maneira distinta, com descrições detalhadas de personagens, lugares e situações, tratando o conteúdo de forma profunda e expondo as circunstâncias de produção da reportagem. Narrar cena a cena de uma história, usando recursos como a transcrição dos diálogos ou de monólogos e o ponto de vista diversificado são também características desse jornalismo. A imersão no tema ou personagem e a humanização são elementos fundamentais para a prática desse jornalismo.

¹ Trabalho apresentado no DT 01 – Jornalismo, do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 30 de maio a 01 de junho de 2013.

² Jornalista. Professora do curso de Comunicação Social – habilitação em Jornalismo e Publicidade e Propaganda, no Centro Universitário de União da Vitória (Uniuuv). Mestre em Comunicação e Linguagens, pela UTP, e especialista em Jornalismo Literário, pela Academia Brasileira de Jornalismo Literário (ABJL), farah.angela@gmail.com



Entre outros recursos provenientes de muitas áreas de conhecimento, como a sociologia e a psicologia, o Jornalismo Literário pode ser definido como uma especialização do campo jornalístico, que possui expedientes próprios de atuação, além de contar as histórias de maneira impressionista, empregando recursos narrativos aplicados em romances e novelas de ficção. Contudo, fundamentos do jornalismo, como veracidade, exatidão, precisão e responsabilidade ética, são indispensáveis na prática desse jornalismo.

Desse modo, este artigo consiste no relato de experiência da realização da reportagem “Uma vida de luz: a história de Rosana, a clarividente”, como Trabalho de Conclusão de Curso da autora, para a especialização em Jornalismo Literário, para revisar o método e as técnicas utilizados em uma produção de JL.

Para isso, foram avaliadas todas as etapas de produção, desde o estudo exploratório do tema, o levantamento de dados, a redação, a edição e revisão final do material. A ênfase recaiu sobre o uso dos pilares fundamentais do Jornalismo Literário e da estrutura narrativa mítica, a Jornada do Herói, analisando-os a partir dos estudos de Edvaldo Pereira Lima e de Monica Martinez.

2 A INSPIRAÇÃO E A DEFINIÇÃO DA PAUTA

Para todo projeto de produção jornalística, há o entorno, a proximidade, o estranhamento, o momento do *insight*, a partir de determinado fato, situação, história e personagem. Sensações e impressões que vão se manifestar em uma pauta, que organiza a ideia e o que será preciso para contar aquela história. Então, há uma urgência em fazer essa história vir à tona, em forma de produção jornalística.

A história de vida aqui analisada teve sua origem na observação, na intenção de saber mais sobre o tema, de conhecer profundamente o personagem e dar-se a compreender como profissional, encarando o desafio de tratar-se de questões envoltas no sensorial, no mundo sutil.

A leitura da reportagem “A clarividente Neiva”, de Isabel Fonseca, produzida no curso de especialização em Jornalismo Literário, da Academia Brasileira de Jornalismo Literário (ABJL), publicada no livro “Jornalistas Literários: narrativas da vida real por novos autores brasileiros”, organizado pelo jornalista Sergio Vilas-Boas, foi a primeira



inspiração para a realização da reportagem “Uma vida de luz: a história de Rosana, a clarividente”.

A reportagem de Isabel Fonseca conta a história de uma mulher ímpar, que nasceu com um dom espiritual fortíssimo e passou por muitos conflitos, desafios e lutas para exercê-lo com dignidade. O que conquista a continuidade da leitura, além do texto criativo, informativo e literário, é a simplicidade como é narrado e a honestidade com que a autora trata a história de Neiva. Em nenhum momento, há traços de preconceito ou dúvida dos fenômenos espirituais percebidos por ela ou por seus seguidores. Foi, principalmente, essa característica, a do respeito à história de um tema estereotipado pela mídia convencional, que me prendeu à leitura e, mais do que isso, despertou-me a inspiração de contar, também, uma história como essa.

Antes mesmo de decidir qual seria o segundo trabalho para o curso de especialização em Jornalismo Literário, sabia que gostaria de contar a história de Rosana Pasquali. Conheço-a desde 2002, e hoje sei que isso aconteceu quando ela definitivamente assumiu seu dom, depois de árdua luta contra sua capacidade de saber mais da vida e da morte do que a maioria das pessoas.

Em 2006, o ex-marido de Rosana fora assassinado, enquanto trabalhava como vigia da Estação de Tratamento de Água da Sanepar (ETA), e esse fato abalou muito a vida dela e de suas filhas. Por causa disso, ela deixou o dom de lado e viveu uma forte crise. De qualquer modo, ela voltou para a prática da leitura do tarô e de outras terapias alternativas, porque houve um impulso da vida para a ampliação da consciência, para o qual ela foi escolhida para trabalhar. Muitas situações na vida dela, narradas na reportagem, mostram que a escolha de exercer o dom não é dela.

Outra obra que inspirou na produção desta reportagem foi o livro “Um adivinho me disse: viagens pelo misticismo do Oriente”, do jornalista italiano Tiziano Terzani. Apesar de o livro ser classificado como narrativa de viagem, o conteúdo da obra trata da busca para compreender profundamente a arte milenar da adivinhação, principalmente no Oriente, onde é levada muito a sério pelas tradições culturais, em diversos países.

A busca pelo autoconhecimento e por saber o que acontecerá no futuro são interesses inerentes e universais dos seres humanos. É nesse sentido da universalização de uma história particular, característica da produção do Jornalismo Literário, que contar a história de vida da clarividente Rosana tornou-se o objetivo da reportagem.

Desse modo, o material produzido caracteriza-se como uma reportagem biográfica, com o uso do recurso da história de vida, que é a representação da realidade



centrada em vidas de pessoas individuais ou grupos sociais. Como explica Lima (2009, p.114-115):

Esse recurso de captação [histórias de vida] também é utilizado [...], aparecendo em forma clássica de entrevista – [...] – ou como depoimento direto, ou ainda numa mescla em que se combinam essas modalidades de apresentação com narrativa em primeira ou terceira pessoa. Nem sempre aparecem acompanhadas de observação participante. [...] Normalmente, o livro-reportagem vale-se do recurso entre tantos outros distribuídos ao longo de suas páginas, o que torna difícil encontrar títulos que sejam, integralmente, entendidos como histórias de vida.

Neste caso, o resultado foi um material de veio narrativo, que conta a história de vida de Rosana, centrado em seu dom de prever o futuro, rever o passado e compreender o presente. Para se caracterizar apenas como perfil, a história precisaria de um recorte no presente da história de Rosana, que não é o enfoque da produção.

A angulação, conforme a definição de Gaudêncio Torquato, explicitada por Lima (2009, p.157-158), é quando se define “[...] uma abordagem, uma palavra, uma imagem, cores; angular é saber onde e como colocar determinado componente do texto, de maneira que a idéia apresentada seja a mais próxima daquilo que se pretendeu”. Desse modo, o ângulo escolhido para a reportagem foi mostrar o sofrimento da personagem, interior e exterior, como aceitou o desafio imposto a ela e de que modo convive com isso.

3 A PRODUÇÃO DA REPORTAGEM

Quando a primeira entrevista foi marcada com a personagem, o combinado era de conversarmos sozinhas, provavelmente em seu consultório ou em sua casa. Talvez por insegurança, Rosana ligou no dia da entrevista, marcando outro horário e mudou o local para a casa dos pais. Ela alegou, também, que eles poderiam ajudá-la a lembrar de datas e detalhes, porque ela não teria boa memória.

Durante a entrevista, percebi que havia algo não dito, mas, de qualquer modo, a ideia de realizar a entrevista com os pais não teve um resultado negativo. Foi possível ter uma compreensão mais profunda da história de Rosana e dos conflitos familiares e sociais, a partir do envolvimento dos pais na entrevista. A influência deles em todo o processo de desenvolvimento do dom de Rosana também foi um aspecto muito valioso para a narrativa da reportagem.



Para a realização da segunda entrevista, o convite foi realizado com ênfase na importância de ela acontecer sem a presença dos pais e qualquer outro familiar. Não houve problema e foi profundamente importante, pois ela contou sobre a doença da mãe e a relação conflituosa das duas em diversos aspectos. Nessa entrevista também pode-se realizar perguntas sobre a compreensão do dom pela própria entrevistada.

As duas entrevistas totalizaram duas horas e quarenta minutos de duração e foram realizadas de acordo com o modelo de entrevista de compreensão e de profundidade. Para a primeira entrevista não houve formulação de roteiro, inspirado nos saberes de Cremilda Medina, no livro “Entrevista: o diálogo possível”. Medina (2001, p.6-7) questiona o modo de se fazer entrevistas por meio de questionários fechados.

O maior obstáculo é o dirigismo com que se executam as tarefas de comunicação social. Na maior parte das circunstâncias, o jornalista (comunicador) imprime o ritmo de sua pauta e até mesmo preestabelece as respostas: o interlocutor é conduzido a tais resultados. [...] O que menos interessa é o modo de ser e o modo de dizer daquela pessoa. O que efetivamente interessa é cumprir a pauta que a redação de determinado veículo decidiu.

Nesse contexto, Medina propõe que a entrevista jornalística precisa transformar-se em “um momento único de vivência”, entre fonte de informação, repórter e receptor. Na compreensão de Medina, assim, o receptor se modificará a partir do resultado final.

Seguindo o conceito de entrevista de Medina (2001, p.8), como “uma técnica de interação social, de interpenetração informativa, quebrando assim isolamentos grupais, individuais, sociais; pode também servir à pluralização de vozes e à distribuição democrática da informação”, definiu-se o uso da classificação do filósofo francês Edgar Morin por Medina. Morin divide a entrevista em duas categorias: entrevistas que têm como objetivo espetacularizar o ser humano e entrevistas que esboçam a intenção de compreendê-lo.

Desse modo, neste trabalho utilizaram-se dois modelos de entrevistas, que buscam a compreensão do ser humano: a entrevista diálogo e a entrevista neoconfissões, ambas teorizadas por Morin e explicitadas por Medina na obra Entrevista: o diálogo possível. Na primeira, o entrevistador comanda a entrevista, como um diálogo, com o objetivo de interagir com o entrevistado, em uma colaboração para descobrir algo novo ou inovador sobre um determinado tema ou situação. No modelo de neoconfissões, o entrevistador se apaga diante do entrevistado, proporcionando ao entrevistado um



mergulho interior profundo. Podemos chamá-la também de entrevista em profundidade, praticada no campo da Psicologia Social.

Os pais e Rosana foram contando o início de tudo e, ao longo da entrevista, foram intercalando com memórias e histórias de tempos diferentes. Na segunda entrevista, percebeu-se a necessidade de ouvir a primeira entrevista e realizar um roteiro de perguntas que preencheriam os vazios informativos deixados nela, além de formular novas questões imprescindíveis para o fechamento da narrativa.

Entre esses dois contatos formais, houve muitos informais, que também contribuíram, de modo especial, para a compreensão da personagem em sua essência e no seu cotidiano. A experiência da lembrança despertada pelas fotografias de infância, adolescência e vida adulta, técnica aprendida e debatida em diversas disciplinas do curso da ABJL, foi muito reveladora. Por meio desse instrumento, foi possível conhecer a aparência de alguns dos personagens citados por Rosana, como o seu ex-marido.

Nesse dia, estavam na casa dela, esperando para conhecer-me, as irmãs da mãe, as irmãs de Rosana, sobrinhos e primos, além de alguns amigos. Quase me tornei a estrela da pequena reunião para olhar as fotos. A convivência com todas essas pessoas só fez com que aprofundasse meu entendimento sobre quem é Rosana e o que significa ser como ela é. Foi nesse dia que descobri que ela tem 56 afilhados (!), mas, infelizmente, não tinha mais tempo para apuração. Fato que apenas menciono na reportagem, mas sobre o qual ainda pretendo escrever a respeito.

4 A ORGANIZAÇÃO DO MATERIAL

Para organizar a pauta da reportagem e, mais tarde, o conteúdo apurado, foram utilizadas as seis dimensões jornalísticas de Willian Blundell³, jornalista do Wall Street Journal, que contribuíram para a captação do contexto do acontecimento ou do fenômeno. A proposta de Blundell encaixa-se na produção desta grande reportagem, em que foram avaliados os seguintes aspectos, apresentados no quadro abaixo:

³ Características estudadas no módulo Grande Reportagem, ministrado pelo professor Celso Falaschi, no curso de especialização em Jornalismo Literário, oferecido pela Academia Brasileira de Jornalismo Literário (ABJL), em junho de 2011.



CRITÉRIOS DE BLUNDELL	DEFINIÇÃO
História	Como se relaciona o passado com o que acontece hoje
Alcance	Examinar o acontecimento ou fenômeno em um contexto mais amplo
Causas	Investigar as causas econômicas, sociais, político-legais, psicológicas
Impacto	Analisar as consequências do episódio
Forças contrárias	É preciso verificar se há interesses contrários ao fenômeno ou à ideia apresentada e como isso se manifesta
Futuro	O que pode acontecer se não houver nenhuma intervenção, providência ou mudança

Fonte: Blundell citado por Falaschi, 2011.

Para organizar o material recolhido durante a apuração, foi usado o recurso do mapa mental. Como durante as entrevistas a história foi contada de forma não linear, muitos dados e a própria ordem dos acontecimentos estavam confusos em minha mente. Desse modo, o recurso do mapa mental foi muito útil, para organizar todo o conteúdo.

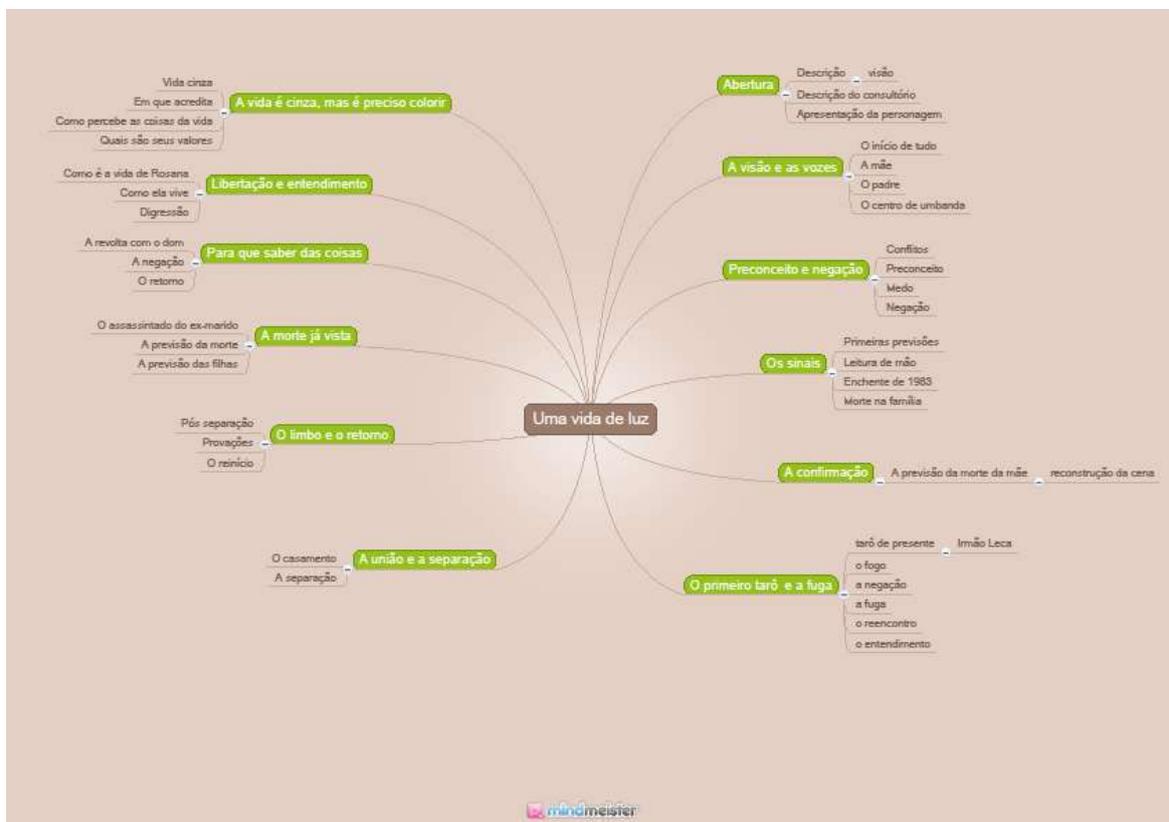


Figura 2 – Mapa Mental criado para organizar a estrutura da reportagem “Uma vida de luz: a história da clarividente Rosana”



Essa ferramenta também proporcionou a criação dos entretítulos da reportagem, estruturando o texto, contribuindo, também, para a organização de todo o material de apuração, com a criação de um novo mapa mental.

Nesse mapa está apresentada a estrutura final da reportagem. Da primeira versão para esta, houve pequenas alterações nos entretítulos e na ordem deles. Durante o curso produzimos alguns mapas mentais, em aula, buscando, principalmente, a criatividade, mas eu ainda não havia usado esse recurso de modo a organizar meus conteúdos.

Ao sentir-me envolta em muito conteúdo, logo depois da primeira entrevista, comecei a buscar algo que pudesse auxiliar-me a organizá-lo de maneira eficaz. Foi quando busquei esse recurso e programas que facilitassem o seu feitio. Encontrei o site Mind Meister, cujo *layout* apreciei, bem como a facilidade de usar seus recursos. A visualização que obtive da história que estava para contar foi muito rica e proporcionou clareza sobre diversos pontos, principalmente, da cronologia dos fatos.

Para organizar o conteúdo da reportagem, também me inspirei no modelo de estrutura narrativa mítica, a Jornada do Herói, desenvolvida no curso pela professora Monica Martinez, movida pelos estudos de Joseph Campbell. Muitas das etapas apresentadas por Martinez em seu livro podem ser reconhecidas nos entretítulos desta reportagem, como mostra o quadro:

ETAPAS	ENTRETÍTULOS
Cotidiano	Abertura – descrição do consultório de Rosana
Chamado à aventura	A visão e as vozes
Recusa do chamado	Os sinais O primeiro tarô e a fuga
Travessia do primeiro limiar	A confirmação
Iniciação	O primeiro tarô e a fuga
Caverna profunda e Encontro com a deusa	A união e a separação
Provação suprema e Recompensa	O limbo e o retorno A morte já vista Para que saber das coisas
Retorno, Ressurreição e Retorno com o elixir	Libertação e entendimento A vida é cinza, mas é preciso colorir

Fonte: do autor



Foi possível compreender a aplicação da Jornada do Herói em produtos jornalísticos, como uma extensão além dos aspectos técnicos previstos no jornalismo convencional. Desse modo, o Jornalismo Literário pode ampliar seu olhar para as histórias de vida, trazendo à tona aspectos profundos da vida dos personagens investigados. Como afirma a professora Martinez, em seu livro, a estrutura narrativa mítica contribui para a compreensão do fluxo da vida: “Uma possibilidade é compreender a trajetória humana como uma sucessão de ‘crises previsíveis’ (Sheehy, 1982), como a transição para a maturidade.” (2008, p.39).

4 O TEXTO DA REPORTAGEM

O título da reportagem veio em uma manhã de insônia. Como costume, deitei-me tarde da noite, já madrugada, e às 6h30 da manhã estava desperta. Mesmo querendo dormir mais um pouco, mil pensamentos vinham à minha mente e, assim, surgiu o título: “Uma vida de luz: um olhar sobre a história da [vida] clarividente Rosana, que tem iluminado os caminhos de muita gente, enquanto procura manter a própria luz” – a palavra “vida” que aparece entre colchetes foi retirada no processo de edição, por sugestão de um dos meus leitores fieis⁴. Sem mais condições de voltar a dormir, sentei-me na cama, peguei meu caderno e anotei o título e outras ideias que também surgiram nesse momento.

Para iniciar a reportagem, escolhi a descrição da visão que Rosana tinha, desde criança, que a apresentou para o seu dom, tentando traçar um paralelo entre o real e o sonho ou entre o concreto e o sutil. A abertura cria certo mistério e leva o leitor a continuar, para descobrir mais sobre a história. A fala da voz aparece em itálico, sem aspas, e qualquer outra indicação de quem está falando aquilo. Sabe-se que é a voz que está dizendo aquilo pela construção textual. Esse recurso foi mantido em toda a reportagem e objetiva criar suspense para o leitor, mantendo-o atento à história.

Em seguida, faço a descrição da sala de espera e do consultório de Rosana, aproveitando para inserir sua descrição física e outros aspectos importantes sobre a personagem. Logo depois, apresento o dom de Rosana, com uma pequena digressão sobre ele, e o trabalho dela como terapeuta holística.

⁴ Leitor fiel é aquele a quem o repórter confia seu texto de reportagem finalizado, para uma leitura crítica e avaliativa. A sugestão da adoção de leitores fieis no processo de edição e revisão final das reportagens de Jornalismo Literário é do professor Edvaldo Pereira Lima, durante as aulas no curso de especialização em JL.



A partir daí, início a história de Rosana, desde quando começou a ter as visões até o momento atual. Fiz uso da cena, no que foi possível, para prender o leitor ao texto, mesmo que fossem micronarrativas, como nas histórias do entretítulo “Sinais”. O uso do recurso símbolo de *status* de vida está presente, de certa forma, na descrição de Rosana, mostrando certo cuidado ao se vestir e o uso do jaleco para atender seus clientes. Também no entretítulo “Os sinais”, o recurso da figura de linguagem onomatopeia foi aproveitado para dar mais realidade à cena descrita do ônibus chocando-se com o carro, conforme previsão de Rosana.

As falas de Rosana aparecem a partir da metade da reportagem para frente, sempre entre aspas, mas sem o uso de verbos *discendi*, por considerá-lo desnecessário. Em um trecho, foi utilizado, para indicar o tom que a personagem havia usado:

Até em família Rosana precisava se prevenir. Quando iam visitar algum parente, a mãe recomendava: “Não diz que lê tarô.” Tanto a família do pai quanto da mãe era muito católica. O padre estava sempre na casa. “Eu era o antiCristo”, **brinca** Rosana. (grifo do autor)

O jornalista e estudioso do Jornalismo Literário, Edvaldo Pereira Lima, prevê pilares fundamentais para a sua prática, como exatidão e precisão; contar uma história; humanização; compreensão; universalização temática; estilo próprio e voz autoral; imersão; simbolismo; criatividade e responsabilidade ética. Eles foram assim sistematizados a partir dos estudos de estudiosos norte-americanos, Norman Sims e Mark Kramer.

Desse modo, no curso de especialização em Jornalismo Literário, oferecido pela Academia de Jornalismo Literário (ABJL), criada pelos professores Celso Falaschi e Edvaldo Pereira Lima, e o jornalista Sergio Vilas Boas, foram selecionados sete elementos como pilares do Jornalismo Literário⁵, ensinados desde o primeiro módulo do curso: humanização, imersão, estilo, voz autoral, exatidão, simbolismo e metáforas, responsabilidade.

A humanização e a imersão são parte fundamental desta reportagem, pois sem o mergulho na história e a caracterização da humanidade da personagem, a reportagem não poderia existir, pois a proposta centrou-se em contar o conflito entre o real e o espiritual, entre o sutil e o concreto, na vida da personagem. A voz autoral apresenta-se

⁵ Aula do primeiro módulo “Jornalismo Literário: história e conceitos I”, do curso de especialização em Jornalismo Literário, da ABJL, em fevereiro de 2011, ministrada pelo professor Sergio Vilas Boas.



em algumas digressões e explicações que precisam ser dadas sobre a história da personagem, como no seguinte trecho da reportagem:

Receber informações que ajudem as pessoas a melhorarem suas vidas e a se transformarem como seres humanos é a graça recebida por Rosana. O verdadeiro sentido disso está na evolução, na mudança de padrão de pensamento, em uma vida baseada no perdão, na compaixão, no amor incondicional, que ela tenta, todos os dias, passar para as pessoas que a procuram. Seu dom, suas ideias e sua conduta de vida estão sintonizados com um novo tempo, um novo homem, uma nova era.

A exatidão e a responsabilidade são pilares que sustentam a reportagem desde a formulação da pauta, durante a apuração e a redação do material. Contar a história de vida de uma pessoa, linha condutora do Jornalismo Literário, é uma grande responsabilidade ética, é preciso colocar-se no lugar dela, para cuidar de cada palavra usada no registro dela.

4.1 A edição e a revisão

Editar seu próprio texto é um grande desafio. Por isso exige distanciamento do trabalho por algum tempo, para que apenas mais tarde a edição seja iniciada. Nesse processo, são vistos todos os detalhes finais, como: revisão ortográfica; estrutura textual (se é preciso mexer em algo de modo mais profundo, como mudar um trecho de lugar); verificação do conjunto do texto (se a leitura tem ritmo e flui, com naturalidade); definição dos entretítulos; entre outros aspectos.

Nesta reportagem, o trabalho de edição foi maior, devido ao seu tamanho (cerca de 68 mil caracteres), porém mais fácil de realizar do que os trabalhos semestrais feitos anteriormente, porque houve maior planejamento, desde a pauta até o início da redação, usando o recurso do mapa mental. Nesse processo de edição e revisão, foi possível checar as informações, cruzar dados, verificar a coerência da história, com datas e detalhes, buscar a melhor palavra, substituir repetições. No entanto, alguns pequenos problemas de ortografia e de repetição de palavras permaneceram.

Para a revisão do texto, busquei três leitores fiéis. Uma colega jornalista, de União da Vitória, em quem tenho plena confiança e é muito competente, e outros dois colegas do curso da ABJL leram a reportagem e contribuíram com ideias e correções. Procurei por pessoas em quem confio, com as quais me sinto à vontade para aceitar ou



não as sugestões. Apenas uma sugestão de mudança em uma frase não foi acatada, porque considerei desnecessária.

Editar é escolher. O resultado desse processo em JL é uma triagem de diversos aspectos fundamentais para o texto final da reportagem. Assim como um dos pilares fundamentais do JL é o estilo próprio e a voz autoral, as escolhas feitas durante todo o processo de redação e, finalmente, na edição determinam a personalidade do autor.

5 CONCLUSÃO

Nesse contexto, os procedimentos adotados para a produção da reportagem podem ser considerados essenciais no resultado final. Desde a pesquisa exploratória do tema, que contribuiu para a decisão da pauta, até o uso do mapa mental para a organização imediata do material apurado, muitas foram as técnicas utilizadas que deram sustentação ao produto final.

A estrutura narrativa mítica, a Jornada do Herói, proposta por Monica Martinez, proporcionou a composição da reportagem de forma inteligível, com coesão e coerência, além de conseguir mostrar à própria autora as características intrínsecas que a história de vida de Rosana trazia de modo particular.

O uso da entrevista diálogo e a neoconfissões foram o primeiro contato formal em busca de conteúdo para a reportagem e demonstraram ser dois elementos fundamentais na investigação de uma história de vida. A utilização do gravador nessa reportagem demonstrou ser necessária e eficiente, pois havia muitas datas e, durante as entrevistas, a história foi contada de maneira não linear. Desse modo, o gravador contribuiu para manter registradas as falas dos entrevistados, para que, a qualquer momento, as dúvidas fossem desfeitas.

Outra importante ferramenta para a organização do material coletado em entrevistas e em contatos informais foi o mapa mental. Por meio desse instrumento, foi possível perceber graficamente, como em um desenho, as informações coletadas e a melhor forma de organizá-las no texto de reportagem.

Para além das técnicas e por ser um constante corpo-a-corpo com a vida, o jornalista precisa refletir diariamente sobre as novas e velhas questões do cotidiano humano. É preciso descobrir qual a sua posição no mundo, de que lado está, quem é. Sem essa descoberta, torna-se difícil pensar no jornalismo como um espaço de construção de solidariedade e de definição do homem como sujeito do seu cotidiano.



Buscar uma forma de dar beleza às palavras, transformá-las em um grande tapete mágico, que leve beleza, amor, desejo e sonhos por todos os caminhos, e que, dessa forma, faça-me uma jornalista e uma pessoa melhor a cada dia, capaz de transitar no mundo, de forma mais digna, é meu grande objetivo daqui para o futuro. Contar histórias de vida, usando os recursos aqui explicitados, e descobrir outros que possam contribuir para ampliar a visão de quem está aqui para narrar a história de tantos personagens anônimos espalhados por esse país.

6 REFERÊNCIAS

FALASCHI, Celso. **Anotações de aula do módulo Grande Reportagem na especialização em Jornalismo Literário**, São Paulo/SP, Academia Brasileira de Jornalismo Literário (ABJL), 10 e 11 de junho de 2011.

FONSECA, Izabel. A clarividente Neiva. In.: VILAS BOAS, Sergio (org.). **Jornalistas literários: narrativas da vida real por novos autores brasileiros**. São Paulo: Summus, 2007. p.223-268.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Anotações de aula do módulo Escrita Total na especialização em Jornalismo Literário**, São Paulo/SP, Academia Brasileira de Jornalismo Literário (ABJL), 18 e 19 de março de 2011.

_____. **Jornalismo literário para iniciantes**. São Paulo: Clube de Autores, 2010.

_____. **Escrita total: escrevendo bem e vivendo com prazer, alma e propósito**. São Paulo: Clube de Autores, 2009.

_____. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura – jornalismo literário**. 4.ed. rev. e ampl. São Paulo: Manole, 2009.

MARTINEZ, Monica. **Jornada do herói: a estrutura narrativa mítica na construção de histórias de vida em jornalismo**. São Paulo: Annablume, 2008.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista: o diálogo possível**. 4.ed. São Paulo: Ática, 2001.

TERZANI, Tiziano. **Um adivinho me disse: viagens pelo misticismo do Oriente**. São Paulo: Globo, 2005.